

# RELEITURAS RABÍNICAS DO LIVRO DE RUTE

Leonardo Alanati

Este artigo apresenta alguns dos principais temas desenvolvidos na tradição judaica de exegese do livro de Rute através de comentários rabínicos escritos entre os séculos II e VI no Talmude e em Rute Rabba, mas que foram ensinados e transmitidos oralmente por décadas ou até séculos antes da redação destas obras.

Até o século XIX estes comentários dominaram a maneira judaica de ler o livro. Nos dois últimos séculos, judeus de correntes religiosas modernas adotaram e desenvolveram outras interpretações e leituras do mesmo.

## **1. O livro de Rute na liturgia judaica**

O *Tanach* (Bíblia Hebraica) foi dividido em três partes: a *Torá* (Pentateuco), os *Neviim* (Profetas) e os *Ketuvim* (Escritos). A importância e a popularidade dos diversos textos bíblicos são demonstradas na escolha das partes a serem usadas na liturgia. Lemos a *Torá* na íntegra durante o período de um ano (algumas sinagogas durante três anos). Lemos seleções dos *Neviim* após a leitura da *Torá* nos sábados e nas festas judaicas. Entretanto, apenas cinco livros da terceira parte da Bíblia Hebraica e diversos salmos são incluídos na liturgia. O livro de Rute foi selecionado para ser lido na festa de *Shavuot* (Soferim 14:18). Esta festa é celebrada sete semanas (*Shavuot*, em hebraico) após *Pessach*, conforme Deuteronômio 16,9-12. Existem diversas razões para esta seleção: Rute chegou a Israel no início da colheita de cevada (Rute 1,22), mesma época da festa das primícias; Rute escolheu aceitar a *Torá* e se tornar israelita, outro tema da festa, segundo a interpretação rabínica, que celebra a aceitação da *Torá* no Monte Sinai pelo povo de Israel nesta data; Rute foi ancestral do Rei Davi, que, segundo a tradição judaica, nasceu e faleceu nesta mesma data.

## **2. A valorização da Terra de Israel**

Uma leitura atenta do livro de Rute nos mostra que a história ocorreu em tempos de ansiedade e dificuldades. O livro inicia-se em um período de fome em Israel que forçara Elimelec e sua esposa Noemi a emigrarem para as terras de Moab. Seus dois filhos se casaram lá com mulheres moabitas, Orfa e Rute. Em Moab a família confrontou diversas tragédias. Elimelec faleceu e dez anos mais tarde o mesmo se passou com os seus dois filhos. Após passar por dificuldades materiais, viuvez e perda dos filhos, Naomi decidiu voltar. Ciente de que o futuro seria duro, ela pediu que suas duas noras retornassem aos lares maternos.

Existem diversos comentários sobre esta primeira parte do livro. No entanto, o seguinte comentário ganhou destaque:

Nossos sábios ensinaram: “Só se emigra de Israel quando duas medidas (*Seah* = 13 litros) de trigo custam um *Selah*”. Rabi Shimon disse: “Isto vale quando não se encontra o que comprar, mas quando existe o que comprar, não se emigra de Israel até mesmo quando uma medida de trigo custa um *Selah*”. Isto está de acordo com o que Shimon ben Iochai ensinava: “Elimelec, Maalon e Quelion eram alguns dos homens mais ricos e poderosos daquela geração e eram líderes”. Então, por que foram punidos? Porque emigraram de Israel, conforme provam as Escrituras: “Quando chegaram a Belém, toda a cidade se pôs em polvorosa por sua causa. As mulheres diziam: Esta é Noemi” (Rute 1,19)? Rabi Itschak perguntou: “O que quer dizer: “Esta é Noemi?” As pessoas diziam: “Vocês viram o que aconteceu com Noemi, que se mudou para fora de Israel!” (Talmude: Bava Batra 91a).

A terra de Israel sempre foi assolada por escassez de alimentos em decorrência da seca. A diminuição da oferta de produtos causava elevação dos preços. Desde o começo da saga do povo hebreu, como aconteceu com o próprio Abraão (Gn 12), houve êxodo devido à fome. A primeira opinião deste comentário talmúdico define um limite de elevação do custo de vida, acima do qual é justificável emigrar. Rabi Shimon é mais exigente: deve-se permanecer em Israel apesar da carestia e só emigrar quando a falta de alimentos tornar a vida insuportável. A prova para este ensinamento encontra-se no episódio inicial do livro de Rute. A emigração, a morte de todos os homens em terra estrangeira e o retorno de Noemi, que vivia uma vida agradável como afirma seu nome, mas retornou amarga (*Mara*, em hebraico, Rute 1,20) de tanta tristeza. Tanta amargura foi consequência do mau exemplo dado por uma família abastada, famosa e importante que fugiu de Israel diante de uma crise.

Esta interpretação rabínica é um apelo dramático a todas as gerações: permaneçam em Israel apesar das dificuldades econômicas, só o risco de vida é motivo para emigrar.

Neste comentário, como em tantos outros, o interesse principal é abordar desafios perenes através do texto bíblico, transformando-o em um texto de relevância contínua, que aborda questões que cada geração enfrenta.

Outra questão que nos remete à terra de Israel é a escolha deste livro para uso litúrgico na festa das primícias, *Shavuot*. Existem belas descrições sobre a fartura da colheita em Israel no livro de Rute! O início da colheita ocorria entre abril e maio. Lemos o livro em outras terras, em outro hemisfério, em locais onde se vive em outro ritmo da natureza (outono ao invés da primavera, por exemplo), mas as palavras do livro de Rute nos lembram do antigo contexto agrícola de Israel durante a festa de *Shavuot* que ainda ocorre entre abril e maio. Os judeus podem estar espalhados pelos quatro cantos do planeta, mas a liturgia, as festas judaicas e o livro de Rute fortalecem os laços que nos ligam a esta terra especial.

### **3. Atos de amor ao próximo**

Um outro comentário rabínico chama atenção aos bons exemplos de atos de amor ao próximo contidos no livro de Rute.

O rabino Zeira ensinava: “Este livro (Rute) não possui nenhuma questão de impureza ou pureza, nenhuma proibição ou permissão. Por que foi escrito? Para te ensinar como os atos de amor ao próximo são bem recompensados” (Ialcut Shimoni Rute).

O livro de Rute é diferente de todos os outros livros da Bíblia Hebraica. Não existem eventos ligados à política nacional, não há revelações nem intervenções divinas. Nenhum milagre. As escolhas são individuais e não guiadas por profetas. Eis um texto bíblico que valoriza os atos cotidianos de bondade.

Os dias que antecederiam à colheita eram tensos devido ao medo da instabilidade climática e dos saqueadores. Para enfrentar esta época de ansiedade, os israelitas evocavam a bênção divina um sobre o outro, realizavam mutirões de trabalho no campo e se esforçavam na ajuda aos necessitados.

O livro nos conta também de um tipo de amor muito raro: o amor entre nora e sogra. É notável perceber que ambas as noras se afeiçoaram a Noemi. Nada sabemos através do texto bíblico e de comentários rabínicos sobre o que Noemi fez de tão especial para suas noras. Ambas resistem separar-se dela, mas no fim Orfa retorna ao seu lar original, enquanto que Rute insiste em acompanhar Noemi para onde ela for e por quanto tempo for necessário. Noemi perdeu marido e filhos, mas ganhou noras maravilhosas, uma das quais se dedicou a ela como uma filha.

A seqüência de atos de amor ao próximo continua com a chegada das duas viúvas a Israel. Primeiro, ela se beneficiou da lei dos respigos da colheita que eram deixados para os pobres (Lv 19,9-10; 23,22 e Dt 24,20-22). Booz lhe deu atenção especial e ordens para seus empregados protegê-la, alimentá-la e distribuir mais grãos do que a lei o obriga (quase 30kg de grãos). Booz elogiou o comportamento de Rute em relação à sua sogra, oferecendo palavras preciosas de consolo a uma mulher sofrida. Não podemos nos esquecer que não se trata de qualquer estrangeira, mas de uma moabita, antigos inimigos dos israelitas!

#### 4. Conversão e prosélita ideal

Como os rabinos do período talmúdico interpretaram a famosa resposta de Rute à ordem de Noemi de retornar à casa de seus pais?

“Não insistas para que te abandone e me afaste de ti” (Rute 1,16) – “De qualquer forma a minha decisão é me converter. Melhor ser através de ti do que através de outra.” Quando Noemi ouviu isto, começou a listar as leis dos prosélitos. Ela lhe disse: “Minha filha, não é o costume das filhas de Israel irem ao teatro e ao circo pagãos”. Ela lhe respondeu: “Para onde fores, irei” (Rute 1,16). Ela lhe disse: “Não é o costume israelita morar em uma casa onde não existe *Mezuzá* (pergaminho colocado nos batentes das portas com duas passagens da *Torá*)”. Ela lhe respondeu: “Onde passares a noite, eu a passarei”. “Teu povo será meu povo” (ib.) – estas são as punições e advertências. “Teu Deus, meu Deus” (ib.) – isto se refere aos demais mandamentos (Rute Rabba 2:22).

Rute é o protótipo do *Guer Tsedek*, do prosélito justo, que abraça o judaísmo e o povo judeu por amor e convicção, ciente da imensa responsabilidade adicional e opcio-

nal que assume, pois terá que abdicar diversas diversões pagãs, como o teatro e o circo, onde ocorriam espetáculos de violência, de obscenidade e a transmissão de crenças pagãs, morar em uma casa que contém palavras da *Torá* em suas portas (*Mezuzá*), poderá ser punida por transgredir estas leis e precisará praticar inúmeros mandamentos. Certamente, existem prazeres e alegrias no modo de vida judaico. No entanto, esta passagem, que reflete um procedimento ainda realizado, nos orienta na conduta da entrevista inicial com alguém que deseja se converter ao judaísmo: deve-se alertá-lo sobre as dificuldades e desafios, preceitos, proibições e obrigações sem mencionar os poucos privilégios e alegrias.

Eis aqui outro tema que liga este livro à festa de *Shavuot*, data da celebração da entrega da *Torá* no Monte Sinai. De acordo com a linha principal de interpretação judaica, o povo de Israel aceitou de livre e espontânea vontade a *Torá*, afirmando: “Tudo que o Eterno disse, faremos e ouviremos” (Ex 24,7). Toda vez que lemos a *Torá* em público rezamos para que Deus a entregue no presente, e não no passado, porque quando alguém aceita seus ensinamentos e mandamentos, Deus a transmite como no Monte Sinai. A revelação divina é contínua e não um evento acabado, que ocorreu nos primórdios da formação do Povo de Israel. Rute, a moabita, se tornou um modelo, a prosélita ideal, uma inspiração para todos, inclusive para os próprios judeus, ao aceitar voluntariamente obrigações adicionais e abdicar certas diversões pagãs.

## **5. Universalismo judaico**

Esta interpretação e a própria inclusão do livro de Rute no Cânon, refletem uma corrente universalista dentro do judaísmo, que favorecia a integração de pagãos, devidamente ensinados e orientados, dentro da comunidade judaica. Tudo indica que esta corrente prevalecia até o século IV, quando os judeus foram proibidos de realizar proselitismo no Império Romano, que adotara o cristianismo como religião oficial. Depois deste período, cessou o ímpeto proselitista dentro do judaísmo, prevalecendo a visão de que “os justos de todas as nações possuem uma parte na Era Vindoura” (Tos. Sanhedrin 13:2). O gentio justo alcançaria todas as bênçãos futuras e não há necessidade de conversão ao judaísmo somente para usufruir delas. Mas as portas nunca se fecharam totalmente e, quando as proibições externas de conversão ao judaísmo acabaram, muitos escolheram e continuam a escolher adotar o modo de vida judaico, apesar de todas as dificuldades.

## **6. Rute como ancestral do rei Davi**

O final do livro de Rute possui uma passagem fundamental: a linhagem de Davi. Rute é bisavó deste rei tão importante. O texto retorna ainda mais ao passado, até Farés, filho de Tamar, uma cananéia, e Judá. É impressionante perceber a tranquilidade do texto em afirmar que não apenas uma mulher pagã, mas duas, são ancestrais do rei mais admirado. Certamente, do ponto de vista bíblico, isto não é nenhuma afirmação radical, já que o genitor mais importante era o pai. No entanto, em algum momento do século II (ou até antes), os rabinos mudaram esta regra, definindo a mãe como principal genitora na

definição da identidade. Quando os rabinos do período talmúdico incluem o livro de Rute no Cânon e a louvam como prosélita ideal, eles afirmam que a genética não é o fator primordial no judaísmo, mas sim a crença e a prática dos mandamentos.

## 7. Rute como ancestral do Messias

O livro cita explicitamente Davi como descendente de Rute. No entanto, os rabinos do Talmude ampliaram o número de descendentes ilustres para seis:

“Bar Kapra predicou em Tzipori: “Ela acrescentou: “Ele me deu estas seis medidas de cevada...” (Rute 3,17). O que estas seis medidas representam? Será que eram realmente seis medidas? Booz não daria de presente apenas seis medidas de cevada, mas seis *Seah* (6 x 13 litros). E uma mulher agüenta carregar seis *Seah*? Não. Ao invés, isto é uma alusão para ela, que no futuro seis descendentes sairiam dela e seriam abençoados através de seis bênçãos. Eles foram: Davi, o Messias, Daniel, Hanania, Mishael e Azaria” (Sanhedrin 93).

No período do Talmude já estava consolidado a idéia de um Messias descendente de Davi. Torna-se, então, ainda mais admirável, este comentário rabínico, que interpreta metaforicamente o presente de Booz para Rute. Se ela concordasse em se casar com ele, Rute seria ancestral de seis judeus exemplares, todos dispostos a enfrentar imensos desafios na defesa do monoteísmo e da justiça.

Aquela mulher solidária, corajosa, decidida, verdadeiramente admirável, permanecerá sempre no coração judaico como ancestral não apenas de líderes ilustres do passado, mas também do líder que levará a humanidade a uma nova era de paz, solidariedade, justiça e amor ao próximo.

*Em homenagem às gêmeas Ruth e Naomi, no ano em que se tornaram Bnot-Mitsva.*

*Rabino Leonardo Alanati*  
Congregação Israelita Mineira  
Rua Rio Grande do Norte, 477  
Funcionários  
30130-130 Belo Horizonte, MG  
e-mail: cim@pib.com.br